

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CENTRO DE MEMÓRIA DO SUL FLUMINENSE GENIVAL LUIZ DA SILVA
(CEMESF)

Proibida a publicação no todo ou em parte. Permitida a citação. Permitida a cópia digital. A citação deve ser textual, com indicação de fonte conforme abaixo.

LEÃO, Cleide de Lima. Cleide de Lima Leão (*testemunho da verdade*, 2014). Volta Redonda, Comissão Municipal da Verdade de Volta Redonda, 2014. 35 p.

CLEIDE DE LIMA LEÃO
(depoimento, 2014)

Volta Redonda

2021

Ficha Técnica

tipo de entrevista: Depoimento prestado à Comissão Municipal da Verdade de Volta Redonda
entrevistador(es): Edgard D. A. Tonolli Bedê
transcrição:
conferência da transcrição: Maria Amália Sarmiento Rocha de Carvalho
copidesque:
local: Volta Redonda - RJ - Brasil
data: 06/06/2014
duração: 01:11:32
páginas: 35

Entrevista realizada no âmbito dos trabalhos da Comissão Municipal da Memória e da Verdade de Volta Redonda D. Waldyr Calheiros (CMV-VR), criada pela Lei Municipal 4.945/2013, para um mandato de dois anos (2013-2015), e composta pelos membros: Alex Martins Rodrigues (Presidente da OAB/VR, Presidência da Comissão), Vereador Jerônimo Telles (representante da Câmara Municipal de Volta Redonda, Vice-Presidência), Lincoln Botelho da Cunha (representante do governo municipal, Secretário Geral), Mara Lúcia Borella (representante da Diocese de Volta Redonda/Barra do Piraí), Ozanan Carrara/Ana Paula Poll (representantes do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da UFF/Volta Redonda); pelos membros colaboradores Marcos Aurélio R. Gandra, Marlene Fernandes, Vicente Paulo de Melo; pela assessora Ana Cristina Carreiro Almeida; e pelo pesquisador/relator Edgard D. A. Tonolli Bedê. O desenvolvimento das atividades de gravação contou com o apoio da Fundação de Pesquisa do estado do Rio de Janeiro (Faperj), no período de 2014 a 2016. No período de 2019 a 2020 os trabalhos de gravação e revisão foram realizados por bolsistas, voluntários e pesquisadores do CEMESF com o apoio de emenda parlamentar do ex-deputado federal Wadih Damous.

Palavras-chave: Academia Militar das Agulhas Negras, Anistia, Ato Institucional Nº 5, Batalhão de Infantaria Blindada do Exército, Companhia Siderúrgica Nacional, Partido Trabalhista Brasileiro, Serviço de Assistência Médica e Domiciliar de Urgência, Sindicato dos Metalúrgicos.

Entrevista: 06/06/2014

Edgard Bedê: *Hoje é dia 06 de junho de 2014. Estamos aqui, na sede da Comissão Municipal da Verdade Dom Waldyr Calheiros de Volta Redonda. Estamos aqui para receber o testemunho de Cleide de Lima Leão, filha de Nestor Lima, líder sindical do sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda. Foi preso em 64. E a notícia que a gente tem é que foi preso em 68, também. Bom, muito obrigado por sua presença aqui e da sua irmã, Siléia. E estamos muito honrados com os depoimentos de vocês. Queria que você se identificasse, seu nome, aonde você nasceu e quando você nasceu.*

Cleide de Lima Leão: Meu nome é Cleide de Lima Leão e sou filha de Nestor Lima. Nasci na cidade de Saudade, Barra Mansa, mas com um mês de nascida, considerando uma enchente que houve na ocasião, meu pai veio pra Volta Redonda, quando, na ocasião, me trouxe. Nasci em Saudade, Barra Mansa.

EB: *E quando você nasceu?*

CLL: Eu nasci em 12 de setembro de 1945.

EB: *E qual o nome da sua mãe?*

CLL: O nome da minha mãe é Maria Reis de Lima, e meu pai Nestor Lima. Meu pai, filho de Conceição Carlota Lima e Gabriel Lima.

EB: *Ele nasceu quando?*

CLL: Ele nasceu em 09 de outubro de 1912.

EB: *Ele nasceu aonde?*

CLL: Nasceu na cidade de Araxá. Viveu grande parte da vida dele em Barbacena. Depois, os pais dele, a mãe dele e os familiares todos foram pra Belo Horizonte.

EB: *Ele, alguma vez, falou com vocês do que vivia o pai e a mãe? Se eram trabalhadores...*

CLL: Não, o pai era trabalhador, mas nunca falou, porque quando eu nasci, o pai dele já era falecido. Só conheci a mãe. A mãe era dona de casa e não trabalhava.

EB: *E o pai era trabalhador do campo ou da cidade?*

CLL: Era trabalhador do campo.

EB: *Então ele nasceu filho de trabalhadores rurais?*

CLL: Isso. Trabalhadores rurais. E quando ele veio pra Volta Redonda trabalhar, ele saiu muito cedo de casa pra trabalhar, ele era foguista da rede ferroviária. Ele foi foguista muito e muitos anos.

EB: *Ele era, então, ferroviário?*

CLL: Ele era ferroviário.

EB: *Foguista que era a profissão dele?*

CLL: Foguista.

EB: *Ele trabalhava em qual cidade?*

CLL: O trecho, né? O trecho era só dentro do estado de Minas.

EB: *Trem mineiro, né?*

CLL: Trem mineiro.

EB: *Que cidade era a base dele? Ele trabalhava dentro do trem, mas tinha uma cidade que ele morava. Continuava morando em Araxá ou foi pra Barbacena?*

CLL: Soledade.

EB: *Soledade, certo. E com quantos anos ele veio pra Volta Redonda.*

CLL: Olha, a idade precisa que ele veio, eu não sei. Ele veio pra construção da CSN¹. Morou em Saudade e, por conta dessa enchente, a CSN arrumou uma casa pra ele no Conforto. E lá ficamos pouco tempo. Depois fomos pro Jardim Paraíba, na antiga rua 545, antiga rua B, número 57.

EB: *Pra repetir. Qual sua data de nascimento?*

CLL: 12/09/45.

EB: *Então, ele veio pra construção mesmo?*

CLL: Exato. E eu vim pra essa casa no Jardim Paraíba com dois meses de nascida.

EB: *Era o Acampamento Central?*

CLL: Era o Jardim Paraíba. O Acampamento Central ficava atrás, onde tinha o Hospital da CSN, que era de madeira, madeira preta, que depois, quando saiu de lá, passou a ser o Colégio Nossa Senhora do Rosário.

EB: *Sua mãe vivia do quê? Era dona de casa?*

CLL: Era dona de casa, mas ela... pra ajudar no orçamento... ela dava aulas de trabalhos manuais, ela alfabetizava, era professora, era... alfabetizava rapazes pra fazer, antigamente, a bateria A, B e C da CSN. E o curso que ela dava era reconhecido e todos eram admitidos na CSN.

EB: *Qual nome da sua mãe?*

¹ CSN – Companhia Siderúrgica Nacional

CLL: Maria Reis de Lima.

EB: *Você tem ideia de quando ela nasceu? Você tem a data?*

CLL: 03 de maio de 1912.

EB: *E aonde ela nasceu?*

CLL: Baiana. Era de Juazeiro, na Bahia.

EB: *Ela conheceu seu pai como?*

CLL: Ela conheceu meu pai na cidade de Soledade.

EB: *Você tem ideia de que ano eles se casaram?*

CLL: Não.

EB: *Eles já... veio casados?*

CLL: Já veio casados.

EB: *O casamento, então, foi em Soledade?*

CLL: Em Soledade.

EB: *Aqui chegando, seu pai entrou logo pra CSN?*

CLL: Sim, já morando em Saudade, Barra Mansa, ele já estava trabalhando na CSN.

EB: *Você se lembra do que ele começou... trabalhando lá?*

CLL: Exatamente não. A função dele, durante muitos e muitos anos, foi mecânico de manutenção.

EB: *Então ele chegou em 43?*

CLL: Em 43, era montador.

EB: *E ele era montador?*

CLL: Montador.

EB: *E era importante, que tava construindo a Usina. Aí ele mudou a profissão de montador pra mecânico de manutenção. Quantos filhos ele teve?*

CLL: Seis filhos.

EB: *Você é a mais velha?*

CLL: Filhas, só filha. Não, não. Não sou a mais velha, não. Eu sou a terceira.

EB: *Você pode falar o nome, por ordem?*

CLL: Sim. Cleuza Reis de Oliveira, Sirlei, Cleide, Cirlene, Clélia e Siléia.

EB: *Bom, essas eh... a ordem das filhas. Vamos entrar agora na atividade política do seu pai. O que ele falava, o que você presenciou e o que você pode testemunhar, né? O que você conhece da história dele. Como ele despertou para a questão do sindicato? Foi um apoio pessoal?*

CLL: Ele era... assim... uma pessoa de muita liderança. Até mesmo no trabalho e do trabalho. Já era um líder nato, entendeu? Então, dali pra diante, ele despertou. Porque, dentro da CSN, ele via aquela necessidade de defesa ao operário. Então, eu acho que despertou mais ainda o espírito de liderança dele a partir do momento que entrou dentro da CSN pra trabalhar, que ele foi vendo aquela dificuldade dos operários e aí, então, ele

passou a ser um líder não só lá dentro, como então ele se envolveu com o sindicato, se candidatando na ocasião e ganhando a eleição com José Cláudio Alves e o José Bonifácio.

EB: *Ele participou, então, da formação de uma chapa?*

CLL: Sim, eram três pessoas na ocasião.

EB: *Certo. Era o Zé Cláudio?*

CLL: Zé Cláudio Alves, presidente, ele, diretor-secretário, e o José Bonifácio, diretor-tesoureiro.

EB: *Qual a vinculação política que seu pai tinha? Naquela época tinha os trabalhistas, que era o PTB², ligado a Getúlio Vargas. Getúlio Vargas tinha acabado de suicidar, em 54, mas a herança dele continuava com João Goulart. João Goulart foi herdeiro dele. Tinha os trabalhistas, os comunistas, porque apesar do PCB³ ser considerado ilegal, através de partidos legalizados ele atuava, principalmente PSD⁴. Seu pai tinha alguma direção política e partidária?*

CLL: Olha, apesar dele não ter sido assim... de nenhum partido comunista, ele era uma pessoa muito integrada com todos os partidos, porque ele dizia que não importava o partido, importava era o pensamento das pessoas. Desde que contribuísse para o engrandecimento da classe operária e do Brasil como um todo, ele apoiava, aceitava ideias e colocava em prática. Isso que ele falava. Não podíamos desprezar a opinião de ninguém, desde que fossem benéficas. Isso eu me lembro perfeitamente. Ele era muito criterioso, era muito exigente, muito detalhista e, inclusive, perfeccionista naquilo que ele fazia, entendeu?

EB: *Ele era filiado a algum partido?*

² PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

³ PCB – Partido Comunista Brasileiro

⁴ PSD – Partido Social Democrático

CLL: Ele era filiado, acredito, que no PSD. Porque já tem tanto tempo.

EB: *Mas o PSD era referência dele?*

CLL: Era referência dele. Mas ele se dava muito bem com Getúlio Vargas, depois com João Goulart.

EB: *Porque o PSD era o partido do Getúlio. Não apoiava o João Goulart.*

CLL: Ele tinha muita comunicação com eles, por conta de que necessitou de apoio para engrandecimento disto ou daquilo. Ele não desprezava nenhum político.

EB: *Mas você conhecia uma pessoa ligada ao partido comunista, que era claramente ligada ao partido comunista, que era ligada a ele?*

CLL: Olha, ele conhecia, o sobrenome dele era Sabença, inclusive, ele tem um filho aí que é veterinário. Ele conhecia o Sabença e falava muito no Sabença. Tempos depois, que eu fui conhecer o filho dele, por conta dele ser veterinário e cuidar dos meus animais. É uma pessoa que, eu posso, inclusive, posso falar com ele sobre isso. Uma pessoa espetacular para se falar a respeito do pai. Então o Sabença, ele era notoriamente comunista. Mas meu pai olhava a pessoa e as ideias, desde que fossem para o crescimento e engrandecimento de alguma coisa e de algo.

EB: *E essa chapa, que foi eleita, o Bonifácio era ligado a um partido?*

CLL: Não, também não. Só o Cláudio que eu tenho essa dúvida. Que parece que era, o José Cláudio Alves.

EB: *Você não tem certeza?*

CLL: Não tenho certeza. Tenho dúvidas, que seria bom esclarecer isso, que a gente... não posso afirmar.

EB: *A gente tem notícias que os comunistas apoiaram a chapa na eleição. Houve, na posse, ali no iníciozinho, houve um desentendimento com o José Cláudio, que criou uma crise dentro do sindicato. Você podia relatar pra gente?*

CLL: Sim. Esse desentendimento foi por conta dos pensamentos dele e do critério dele de administrar, que meu pai era contra.

EB: *Logo que tomou posse?*

CLL: Logo no início já foi contra. E meu pai era uma pessoa que, por sua vida percorrida, até então, era muito culta, tinha um conhecimento enorme dentro da literatura de coisas fantásticas, era muito inteligente. Então, ele foi discordando de certas opiniões e certos acontecimentos.

EB: *E o estilo também do Cláudio?*

CLL: O estilo de trabalho e o estilo de administrar. A preocupação do meu pai era se integrar com o operariado e beneficiar plenamente a classe média baixa, na ocasião, que era os operários e que necessitavam de um sindicato forte. A preocupação dele era unicamente essa. E o Cláudio divergia muito da opinião dele e o meu pai não aceitava de forma alguma, porque ele era de uma personalidade muito forte e de lutar por uma causa com princípio, meio e fim.

EB: *Houve algum fato específico?*

CLL: Não, foram as divergências de opiniões e de administração.

EB: *A notícia que a gente tem é que o Cláudio, vendo que ele perdeu a liderança pro Nestor Lima, ele pediu, surpreendentemente, ao Ministério do Trabalho que fizesse a intervenção e tirasse todo mundo.*

CLL: Sim. Mas ele tinha que fazer isso mesmo, porque ele percebeu que o meu pai tinha o apoio de todos os operários. Ele estava fortalecido pelo apoio dos operários da CSN, entendeu? Que na ocasião, só CSN, e era muita gente. O Cine Avenida

antigamente ficava com as portas abertas, com pessoas do lado de fora, lotado, tenho fotos que posso depois trazer pra você comprovar isso, entendeu? As assembleias que o meu pai convocava e até mesmo o Cláudio... nas assembleias eram discutidas muitas coisas em relação às divergências de opiniões, e o operário participava, era colocado na mesa ali, o preto no branco, eram colocadas as opiniões, os propósitos de cada um e os participantes aprovavam ou não.

EB: *Aí houve uma tentativa de intervenção, mas parece que houve uma resistência. Não deixavam.*

CLL: Sim, sim eh... sim. Meu pai, neste ponto era muito integrado, então ele sabia o caminho que traçar. Ele... através do apoio dos operários da CSN... ele conseguiu reverter a situação, afastar o José Cláudio pra ele assumir na presidência, pro sindicato ter um trajeto de administração tranquilo, em benefício dos operários.

EB: *Aí o que você se lembra dessa gestão dele, que foi de 55 a 57. Você se lembra das realizações?*

CLL: Eram muitas realizações. O pouco que eu me lembro é que ele fundou o Banco do Sindicato dos Metalúrgicos e depois veio a Farmácia. Ele participava com o governo federal e estadual, não me recordo do estadual quem era, não me recordo mesmo.

EB: *No federal era o Juscelino.*

CLL: O Juscelino na ocasião, né? É que me falha a memória. Eu só sei que ele participava, ele que organizava e inaugurou o SAMDU⁵, entendeu? E muitas outras coisas que, no momento, me falha. Era uma pessoa integrada com todos os segmentos políticos, era uma pessoa dinâmica e de opiniões que construía muito, era uma pessoa admirável, e um detalhe, honestíssimo. Não admitia nada que não era dentro da lei e isso passou para todas nós, filhas dele.

⁵ SAMDU – Serviço de Assistência Médica e Domiciliar de Urgência

EB: *E ele teve esse período de gestão. Depois teve a eleição de outra chapa de oposição que era do Othon Reis. Aí, o Nestor Lima foi pra oposição?*

CLL: Sim.

EB: *Ele não era ligado a chapa do Othon, não?*

CLL: Não, não era ligado. O Othon entrou logo em seguida.

EB: *E você se lembra o que ele fazia quando ele não estava mais no sindicato? Depois de 57? Até 63 ele ficou na oposição. Foram três gestões ligadas ao Othon Reis. Ele voltou a trabalhar?*

CLL: Voltou a trabalhar. Eu me recordo que ele liderava, em termos de orientação, a todos como proceder.

EB: *Continuava a atividade dele?*

CLL: Continuava a atividade, porém, dentro da legalidade. Ele nunca incitou nada para o caminho que não fosse o correto, nunca.

EB: *Aí houve, passando esse período do Othon Reis, em 63, final de 63, montou-se uma chapa de oposição ao Othon, na época, o Samuel de Paula Reis, que era presidente do sindicato. Essa chapa de oposição, na nossa informação, tinha o Lima Neto na cabeça e o Nestor Lima. Ele voltou à chapa?*

CLL: Não voltou, ele era muito amigo do Lima Neto, era amigo de todos.

EB: *O Zé Bonifácio voltou?*

CLL: Não, também não, e nem o José Cláudio Alves. Nunca mais. Agora, o Lima Neto era claramente comunista.

EB: *E o Nestor Lima deu apoio à chapa dele?*

CLL: Deu apoio, pela pessoa íntegra que ele também era, diferentemente do antecessor político dele.

EB: *E temos umas fotos, de umas pesquisas, de que houve uma campanha salarial muito forte logo no início que a chapa assumiu, na virada de 63 pra 64. Eles pediram 50%, 50% ou greve. Aí, o João Goulart veio, interveio e apoiou o sindicato, isso foi uma grande conquista pro sindicato. Você se lembra disso?*

CLL: Ele era muito ligado ao João Goulart.

EB: *Você se lembra dessa época?*

CLL: Lembro, mas, na ocasião que meu pai dirigiu o sindicato, ele foi o primeiro que fez aumento escalonado. Mas depois, os índices foram altíssimos.

EB: *Pela inflação.*

CLL: Que a inflação também era terrível. Agora, ele atuou, tô me lembrando agora, em muitas direções como delegado sindical. Ele fazia viagens para representar o sindicato, participar de congressos e simpósios, de uma série de coisas. Até em Brasília eles tiveram.

EB: *Ele não era da diretoria, mas provavelmente ele era delegado sindical?*

CLL: Delegado sindical. Agora tô me lembrando, eu não me lembro em qual administração, acredito que na administração do Othon, não... mas, contudo, ele era muito amigo do Othon Reis Fernandes, que era uma pessoa muito tranquila.

EB: *Ele, então, era delegado sindical em 64?*

CLL: Isso. E depois o Othon Reis saiu e foi pra direção social da CSN e o meu pai... em uma certa ocasião que o Othon sairia da direção social... o meu pai estava cooptado pra direção social, quando veio o movimento revolucionário, o golpe, e derrubou.

EB: *Em 64, então, quando houve o golpe... a Comissão da Verdade... a gente não reconhece como revolução, reconhece como golpe, porque tiraram um governo democraticamente eleito. Eles chamam de revolução, mas a gente diz que foi um golpe e afirma, porque derrubaram um governo legitimamente eleito e instauraram uma ditadura no país por 21 anos. A gente vai entrar nesse período. Em 64, houve o golpe, no dia primeiro de abril de 64, na época, a gente apurou e o meu livro apura que houve uma greve de apoio a João Goulart como resistência, apoiando o João Goulart contra o golpe.*

CLL: Com certeza, ele apoiou.

EB: *E depois, todo o inquérito foi em torno disso: de quem apoiou a greve. Seu pai tá no inquérito e foi preso também. Queria que você relatasse da perspectiva do teu pai e da tua família como foi o golpe de 64? O que você se lembra?*

CLL: Você diz em relação à prisão dele? A partir da prisão dele? Eu só sei que ele chegou em casa e disse que a situação não estava boa, que estava acontecendo isso e aquilo... explanou para todas nós. A minha mãe e todas nós ficamos apreensivas, e ele não estava em casa, quando eles chegaram para prendê-lo... ele não estava em casa. E a gente nunca sabia, porque ele saía para todos os lugares e essa coisa toda, aqui e ali, e a gente não sabia informar. Eles foram grosseiros com a gente, entraram arrombando a porta, chutando com aqueles coturnos enormes e entrou em uma casa com sete mulheres, seis filhas e minha mãe, só mulheres.

EB: *Você lembra quantos soldados eram?*

CLL: Eram muitos, eram muitos. E com aquelas baionetas, aquelas facas na ponta, não entendendo muito bem de arma, um punhal, e entraram com aquelas armas.

EB: *Você se lembra do nome do oficial que entrou? Se era sargento.*

CLL: Não. Sabe por quê? Eles nos baratinaram, não se identificaram, minha mãe ficou em pânico. Todas nós sem entender o que tava acontecendo. A brutalidade deles foi

brutal, eles foram em todos os cômodos, provocando uma guerra fria, eles batiam em tudo, batiam nas portas e chutavam em porta com muita truculência para mostrar autoridade. Eles chutavam as camas e empurravam as camas de um lugar pro outro pra ver se não tinha ninguém embaixo. E abriam os guarda-roupas, puxavam tudo pra fora e largaram tudo do mesmo jeito. E como não acharam meu pai, nos deixou em pânico pela truculência, e ficamos acuadas em um canto sem saber o que tava acontecendo, pensávamos que ia morrer naquela hora.

EB: *E qual foi a reação das suas irmãs?*

CLL: Ficamos em pânico, minha mãe ficou pálida, muito pálida, e eu sempre muito sensível em relação à saúde na ocasião, desencadeou uma série de coisas, entendeu?

EB: *Eles ficaram quanto tempo mais ou menos?*

CLL: Eles ficaram bastante tempo, não deu pra estimar não.

EB: *Eles fizeram perguntas?*

CLL: Só “Aonde ele está? Aonde ele está escondido? Vocês sabem aonde ele está escondido. Vocês estão escondendo ele. Vai ser pior pra ele se vocês não disserem aonde ele está”. Nós não tínhamos condição de dizer, porque não sabíamos aonde ele estava, tinha saído de casa, tinha saído, simplesmente.

EB: *E quem dialogava? Sua mãe perdeu a voz? Quem falava com ele?*

CLL: Todas nós falávamos alguma coisa “Meu pai não está. Meu pai não está”, entendeu?

EB: *Só pra ter uma ideia... a mais velha devia ter quantos anos? Você tinha quantos anos?*

CLL: Eu tinha 18, a Sirlei 19 e a Cleuza não estava em casa, ela estava casada. O fato aconteceu depois que eles saíram de lá. E a Leinha tinha de 12 pra 13 anos.

EB: *Você se lembra da entrada deles?*

Siléia: Lembro da entrada deles, do capacete verde-oliva, com o capacete igual uma bacia, lembro de ir na AMAN⁶, depois de três meses incomunicável. Ele ficou no BIB⁷, depois foi removido pra AMAN, ficou três meses incomunicável. Era uma pequeninha, pra mim aquilo era uma excursão, não tinha ideia do perigo não.

EB: *Depois disso, o que aconteceu?*

CLL: Depois que eles saíram de lá... tudo isso tinha um caguete, que pertencia ao corpo de segurança da CSN, um dedo-duro que ficava indicando quem procurar.

EB: *Ele era então policial?*

CLL: Ele era da guarda da CSN. Eh... ele, todo mundo, com certeza, ele. Eles foram parar na casa da minha irmã, que mora até hoje no bairro Limoeiro, a irmã mais velha, Cleuza, casada, tinha uma filhinha de 2 aninhos, Natália, e o esposo dela, Américo, estavam em casa. Eles foram lá, reviraram a casa dela e chutavam tudo da mesma forma.

EB: *Ela mora no Limoeiro?*

CLL: Mora no Limoeiro, mas não nesta casa, morava em uma casinha bem menorzinha. Eles fizeram horror, invadiram a casa, criou um pânico com a criança, a criança começou a gritar e chorar de desespero, sem saber o que estava se passando por causa da truculência. E o que eles fizeram? Achavam que eles também estavam escondendo o meu pai. E o meu cunhado dizendo que não, que não sabia. Ele sabia menos ainda. Aí, quando viram aquela confusão de policiamento, chegou o tio do meu cunhado, o senhor Galdino, hoje falecido, e o seu filho Jorge, hoje falecido também. Aí,

⁶ AMAN – Academia Militar das Agulhas Negras

⁷ BIB – Batalhão de Infantaria Blindada do Exército

levaram os três presos, eles ficaram vários dias presos naquela delegacia aonde é o DETRAN⁸, a 6ª CIRETRAN⁹.

EB: *A prisão do Américo...*

CLL: Genro do Nestor Lima, o tio do Américo, o senhor Galdino e o filho Jorge.

EB: *Eles chegaram na hora pra ver o que tava acontecendo?*

CLL: Sim, eles chegavam na hora para ver o que tava acontecendo, porque, afinal de contas, é sobrinho dele. Aí, portugueses, aquela coisa atrapalhada, e tal, eles não raciocinaram não, levaram os três pra delegacia. Eles ficaram lá, dormindo em jornais, ou seja, sofreram também essa questão psicológica.

EB: *Eles ficaram uma noite?*

CLL: Não, ficou mais. Só não me recordo quantas noites eles ficaram, várias noites que posso afirmar, e numa cela só com jornal, não tinha cama e não tinha nada, não admitiram que a gente levasse nada, uma coberta, nada, nada, nada. Nós chegamos a levar, mas não deixaram a gente entrar com aquilo.

EB: *E o Galdino? Ele era o quê? Trabalhava aonde? Era funcionário da CSN?*

CLL: Não, não era, ele era autônomo. Não me recordo o que ele fazia, e o filho ajudava o pai.

EB: *Hoje, o Américo está vivo?*

CLL: Américo tá vivo, mas eu não sei se ele lembraria de alguma coisa, porque ele está com Mal de Pick.

EB: *O que é Mal de Pick?*

⁸ DETRAN – Departamento Estadual de trânsito

⁹ CIRETRAN – Circunscrição Regional de Trânsito

CLL: Mal de Pick, esse mal interfere nas lembranças e no comportamento, está de um jeito e daqui a pouco está de outro, eu posso até perguntar.

EB: *O Galdino não está vivo?*

CLL: O Galdino e nem o Jorge.

EB: *Aí eles foram presos e depois foram soltos?*

CLL: Foram soltos, sem maiores explicações.

EB: *E como ficou a situação do Nestor Lima? Ele foi preso quando?*

CLL: Ele foi preso no mesmo ano, logo em seguida do golpe.

EB: *Dias depois de ter invadido a sua casa?*

CLL: Isso, dias depois de ter invadido a minha casa. Meu pai apareceu e levaram ele.

EB: *Foi preso em casa?*

CLL: Em casa. Eu me recordo que ele disse para todas nós e para minha mãe: “Olha, não me esperem, porque costuma-se ir dessa forma e não se voltar mais”. Então ele foi, nós ficamos sem notícias por três meses, sem saber se ele estava vivo ou morto.

EB: *Ele ficou três meses incomunicável?*

CLL: Incomunicável.

EB: *Ficou aonde?*

CLL: Primeiro ele esteve no BIB. Depois, todos eles que estavam juntos lá, o Wandir de Carvalho, seu pai e outros mais foram lá para Academia Militar das Agulhas Negras. Agora, nós ficamos esse tempo todo sem meu pai ter renda, nós éramos sete pessoas.

EB: *Queria saber, e que você contasse, como ficou a situação material da sua família. Cortaram o pagamento dele na CSN?*

CLL: Cortaram o pagamento dele, minha mãe não tinha renda, ela dava aula, mas não era o suficiente. Muitas pessoas, com medo de se envolver, deixaram de frequentar minha casa, então minha mãe ficou sem ganho. O que acontecia... eu não lembro o nome da pessoa, lá dentro da CSN faziam vaquinhas.

EB: *Medo?*

CLL: Medo de se comprometer. E um senhor ia lá, numa certa hora, e levava algum dinheirinho, que eles arrecadavam lá e distribuíam pra todos. Mas ele chegava na varanda, primeiro ele olhava pra todo o canto e minha mãe ficava constrangida com aquilo. Aí minha mãe: “Por que você fica olhando o tempo todo?”, “Não, tô vendo se não tem alguém vendo eu entrar aqui”, “O senhor não se preocupe, o senhor não precisa se comprometer, eu não quero que o senhor venha aqui com medo de ser pego ou com medo de estar envolvido com meu marido, porque meu marido não deve nada, não. Então, eu queria que o senhor não voltasse mais aqui, porque agindo dessa forma o senhor está me constrangendo”, falou com ele isso, eu me recordo.

EB: *E como ficou a situação material mesmo?*

CLL: Péssima.

EB: *Vocês passaram necessidade?*

CLL: Passamos necessidade, passamos vontade de comer, não vou dizer fome, porque fome nunca passamos. De vez em quando, chegava um pouquinho de arroz de alguém, um pouquinho de feijão, minha mãe passava uma farinha em uma gordura e o que tinha que comer é aquilo. E quando não tinha, ela dividia, ela deixava de comer pra dar pra

gente o alimento, um ovo, ela fazia qualquer coisa com ovo pra dar pra todos. Passamos fome, mesmo, passamos, entendeu? Sem renda nenhuma.

EB: *E quando precisava comprar, por exemplo, um sapato?*

CLL: Não comprava, não tinha. O sapato era um único para o ano inteiro, especialmente para o colégio, era um par de sapato o ano todo.

EB: *E como ficou a situação com os vizinhos e no colégio? Teve algum efeito?*

CLL: Os vizinhos evitavam ao máximo, porque era a família do Seu Nestor comunista, que estava preso, e não podia se misturar, de jeito nenhum, com filhos de comunistas. No colégio, foi terrível.

EB: *Você estudava aonde?*

CLL: Ele nos colocou no melhor colégio da cidade, que era o colégio Nossa Senhora do Rosário, na época.

EB: *Todas elas estudavam?*

CLL: Todas nós, apesar dele não ter ganho suficiente para pagar pra todas, mas ele fazia empréstimo bancário em um banco, quando estava pra vencer, pegava n'outro e pagava aquele. Ele era uma pessoa corretíssima e um pai de família mesmo. A gente ficou sabendo muito tempo depois das dificuldades, porque as coisas no Rosário eram descontadas em folha, se a gente comprasse um lápis, era descontado em folha, quando nós íamos comprar, perguntávamos pra ele se podia comprar “Pai, nós precisamos disso, disso e assim... posso comprar?”, tínhamos que perguntar, porque não podíamos comprar assim, de qualquer forma. E chegou em um ponto, lá no Rosário, que eu não recordo quem era a diretora na ocasião, que não era chamada de diretora, chamada de prefeita, tinha uma pessoa que fazia a cobrança de certas coisas em classe. Eu estava na minha turma, quando chegou essa freira e fez a cobrança diante de todos os alunos, que nós estávamos devendo há tanto tempo e o colégio não podia esperar, e que nós tínhamos que dar um jeito de pagar ou sair. Na ocasião, foi quando eu saí e prestei

concurso com doze pessoas. Surgiu uma vaga no sindicato dos Metalúrgicos, na ocasião da primeira junta governativa.

EB: *Isso foi em 65?*

CLL: Isso foi em 67.

EB: *Então, de 64 a 67, quem sustentou a casa foi...*

CLL: Quem sustentou a casa foi a misericórdia de Deus, a Igreja Nossa Senhora das Graças que, na ocasião, foi feito um movimento. Na ocasião, não se chamava cesta básica, a gente recebia alimentos de alguma forma, mas o básico mesmo, não tinha uma verdura, uma fruta, um leite, era o básico mesmo, o básico.

EB: *Sua mãe continuou dando aula?*

CLL: Minha mãe continuou dando aulas, as coisas foram se acalmando e os alunos foram retornando, ela continuou dando aula e com o dinheiro das aulas, ela comprava o mínimo necessário para nossa alimentação, só.

EB: *Voltando a situação do seu pai. Em algum momento vocês puderam vê-lo na prisão?*

CLL: Sim, mas ele ficou esse tempo sem a gente saber notícias. No primeiro dia das mães, em seguida daquele ano, é que nós tivemos notícias que ele estava na AMAN, mas ainda não estava liberada a visita. Eu não me lembro exatamente quando liberaram, quando liberaram, minha mãe tinha que pedir dinheiro emprestado, sem saber como pagar, para poder pagar passagem de ônibus daqui a Resende. E nós íamos a pé da rodoviária até a academia, porque não tínhamos como ir de outra forma, íamos todas nós. Na ocasião, não sei como minha mãe fazia, coitada, ela fazia alguma coisa diferente para levar para o meu pai, para ele comer de diferente.

EB: *Você se lembra da cena do seu pai lá na academia?*

CLL: Sim, mas antes da gente entrar, todas as vezes que lá fomos, nós sofriamos uma revista pelos soldados.

EB: *E como é que era essa revista?*

CLL: A revista era apalpar todo o nosso corpo, nos bulinavam. Eu como já era mocinha, eu tinha revista até nos meus seios, eles apalpavam todo o nosso corpo para poder achar não sei o quê, achar não sei o que nessas regiões.

EB: *Você sentia que havia uma certa...*

CLL: Com certeza! Pela região que eles punham as mãos, entendeu? Pela região que eles colocavam as mãos, não precisa entrar em detalhe, mais ou menos você pode deduzir. Principalmente, os seios, eles apalpavam os nossos seios mesmo.

EB: *E no jeito deles fazerem, você notava algo?*

CLL: Não, cara séria. Exatamente para não deixar transparecer para quem estava a volta, apesar que não eram muitas pessoas juntas, entravam uma por uma, as pessoas que eram examinadas já estavam lá na frente.

EB: *Mesmo as filhas mais novas?*

CLL: As mais novinhas eram mais rápido, eles faziam isso com as mocinhas mais desenvolvidas, sabe? Com certeza, não era só conosco, porque nós não víamos. E meu pai nunca soube disso, minha mãe pediu para gente nunca falar para ele não se revoltar, a mãe sofria demais, eles não faziam isso com a minha mãe.

EB: *Não é culpa de vocês, é um regime tirânico que estava começando. Você imagina o que não fizeram depois. É importante a gente falar isso porque fica retido na gente e quando a gente solta, a gente resolve isso falando. Cleide, você viu seu pai?*

CLL: Sim, quando nós chegamos, foi uma sala grande com várias mesas e que as famílias chegavam e cada mesa tinha o seu... tinha, por exemplo, o meu pai, o seu pai e outros mais, as famílias ficavam naquelas mesas, tudo em volta, conversando.

EB: *A visita era assim, em um lugar...*

CLL: Amplo, todos juntos.

EB: *Tinha dia pra isso?*

CLL: Tinha, era só uma vez por semana, era aos domingos.

EB: *Então era uma mesa para cada preso político. Como foi a primeira vez que viu o seu pai?*

CLL: A primeira vez, o meu pai estava muito ressentido e muito pálido, pálido demais da conta, ele tava até verde, porque eles não tomavam sol, ele emagreceu, emagreceu muito. Foi na ocasião que a minha mãe levou alguma coisa, ele pediu pra minha mãe levar, assim que tivesse condição de levar, que ele tinha vontade de comer algo diferente, e tal.

EB: *E o psicológico dele?*

CLL: Ele sempre foi uma pessoa muita reservada e não deixava transparecer fraqueza, ele nunca passou isso pra gente, ele era muito austero. Mas, acontece que ele estava muito abalado, com certeza, porque ele já previa o futuro, ele era muito sábio em relação a esse tipo de coisa, com o que estava por vir, todas nós abraçamos ele e minha mãe, choramos, obviamente. De modo, que íamos aos domingos, e cada semana ficávamos pensando como íamos domingo que vem e de onde íamos tirar dinheiro, nós fomos todos os domingos que nos foi permitido ir, nós fomos pra visitá-lo.

EB: *Ele gostava de ver vocês?*

CLL: Com certeza. Quando apontávamos lá, tinham pessoas que chegavam e eram revistadas na frente, a medida que liberava a revista, então, liberava e entrava. Ele nos via, já levantava, ficava em pé para nos receber, feliz, né? Querendo saber como é que nós estávamos. Então, todos iam contornando a coisa, “Está tudo bem. Graças a Deus nós estamos levando tudo”, pra não magoar e não mostrar a realidade.

EB: *Pra poupar ele?*

CLL: Poupar ele, nós poupávamos ele o máximo, sabe?

EB: *Vocês tiveram apoio de família? Tinha família que pudessem ajudar vocês?*

CLL: Não, aqui não. Tivemos só um irmão dele, já falecido, que esteve em Volta Redonda, que eu não sei quem avisou a ele e não sei quem falou, e tal. Ele veio, mas não veio para acrescentar em nada, também ficou temeroso, chegou lá em casa e pegou um monte de pertences do meu pai e queimando, achando que aquilo era prejudicial, coisas dele, livros dele e coisas que ele gostava de ler, ele tinha uma coleção de moedas enormes, ele jogou tudo fora. Ele colecionava moedas, sabe? Jogou tudo fora dizendo que aquilo era tudo subversivo. Ele não veio para acrescentar em nada. Depois foi embora e encerrou o assunto. Parente nenhum da parte dele. Da minha mãe, não tinha como, todos moravam em uma situação precária em Juazeiro, na Bahia e em outros lugares, nunca ninguém pôde participar de nada. Não tivemos apoio de ninguém. Só nós mesmo.

EB: *Quanto tempo seu pai ficou preso?*

CLL: Olha, variou muito, porque foram duas vezes, acredito que três meses para quatro.

EB: *Você acha que ele saiu em maio ou junho? Vocês começaram a vê-lo em maio?*

CLL: Não. No dia das mães soubemos que ele estava na AMAN, mas que a visita não estava liberada, aí numa aflição tão grande e sem guardar muitas datas, e tal. Depois que recebemos a notícia, não sei de quem, porque era sempre uma pessoa envolvida no

contexto, eu não sei te dizer quem é que falou que a visita estava liberada em tal hora e só aos domingos, eu não me recordo a primeira data.

EB: *Você se lembra se era frio?*

CLL: Era frio.

EB: *Porque lá em Resende é frio.*

CLL: Era frio, era frio, sim. Nós íamos todas agasalhadas.

EB: *Depois disso ele saiu? Nesse mesmo ano ele saiu? Um mês ou dois depois que vocês começaram a visitá-lo.*

CLL: É, nós fomos lá muitas vezes, não sei te dizer quantas não, não foi só um mês não, nós fomos vários domingos.

EB: *Foi em 64 que ele saiu? Até o final do ano? Antes do natal?*

CLL: Sim, sim. Mas aí, deixa eu te dizer uma coisa, quando foi véspera do 7 de setembro, eles recolheram todos, prenderam todos com medo deles fazerem algum movimento no 7 de setembro, levaram todos pra aquela delegacia ali.

EB: *Quanto tempo tinha entre o seu pai ser solto, mais ou menos, na primeira vez e o 7 de setembro? Você lembra? Passou algumas semanas? Porque a gente localiza, mais ou menos. Você acha que ele foi solto em agosto e preso em setembro?*

CLL: Pois é, foi em setembro. Mas não foi em agosto, não. Eu tenho impressão que foi de julho.

EB: *Você tá dizendo que foi na véspera do 7 de setembro?*

CLL: Isso, no 7 de setembro de 64, foram todos chamados e detidos na delegacia civil.

EB: *Foi novamente preso na delegacia?*

CLL: Na delegacia.

EB: *Agora, ele ficou quantos dias na delegacia?*

CLL: Ele foi na véspera e saiu logo depois do desfile do BIB, que o BIB desfilava.

EB: *Depois do desfile?*

CLL: É, no dia seguinte, não foi no mesmo dia não.

EB: *Dia seguinte?*

CLL: Isso.

EB: *Bom, vamos continuar... então ele saiu da prisão, o que ele fez? Ele foi demitido?*

CLL: Foi demitido, ele foi demitido da CSN. Aí, quando ele foi demitido, porque a demissão demorou, e quando a demissão veio, eles deram um prazo pra ele sair da casa. Meu pai já estava com uma renda mínima, aí nós tivemos que alugar um apartamento às pressas, até do Pedrão, né?

EB: *Para sair da casa do Jardim Paraíba?*

CLL: Isso, tenho até o endereço da casa, se você quiser, eu não esqueci não.

EB: *Essa casa, você sabe o endereço?*

CLL: Antiga rua B, número 57, depois passou a ser rua 545, agora, é um nome, não me recordo, passou bem depois.

EB: *Essa casa vocês perderam?*

CLL: Perdemos.

EB: *E aí como é que fez a família?*

CLL: Tivemos que alugar um apartamento, passamos a pagar aluguel.

EB: *Fica aonde?*

CLL: Ali perto do JK¹⁰.

EB: *JK, perto da Amaral Peixoto?*

CLL: É, ali é Jardim Normândia, em frente aquele viaduto que cai na Amaral Peixoto.

EB: *Entendi, é aonde tá morando a Siléia?*

CLL: É, tá até hoje, há 46 anos que mora lá.

EB: *E o seu pai passou a viver de quê?*

CLL: Ele não tinha...

EB: *Ele tava na lista negra?*

CLL: Não conseguia nada, muitos e muitos anos atrás, lá na Pavuna, eu não sei detalhar muito bem, ele conseguiu pra fazer uma montagem de não sei quê, lá dentro, daquilo que ele entendia, então ele ficou uns tempos na Pavuna, na ocasião.

EB: *60 e poucos? 68?*

CLL: 70, 70 e poucos, recebia, na ocasião, 250, não lembro a moeda da época.

¹⁰ JK – Auto Posto JK Shell

EB: *A gente tem a notícia que o Othon Reis conseguiu, através do deputado Rubens Paiva, que foi morto, que contratasse algumas pessoas que precisavam de emprego em Volta Redonda, que eram ex-sindicalistas. Será que não é isso, não? Foi lá na Pavuna, numa obra.*

CLL: *Então pode ser, pode ser. Porque meu pai não entrava em detalhes com a gente, entendeu? Só sei que ele tinha uma obra na Pavuna, que ele ia pra lá. Então, ele ia toda semana e ficava lá e depois, no final de semana, ele vinha pra casa. Com esse dinheiro que ele conseguiu alimentar a família.*

EB: *E qual era o trabalho dele?*

CLL: *Ele era montador, na época, na Pavuna era montador, e atuava como mecânico de manutenção.*

EB: *E ele fazia biscates?*

CLL: *Aqui em Volta Redonda? Não, nunca fez.*

EB: *Então ele não tinha um emprego fixo?*

CLL: *Não, não tinha como, ninguém empregava ele não.*

EB: *Agora, a gente tem uma notícia de que, em 68, ele foi preso de novo no AI-5¹¹. O Bernardo Maurício tava na mesma cela dele, no BIB. Como é que foi essa prisão? Você se lembra? O AI-5 foi no dia 13 de dezembro de 1968.*

CLL: *Eles passaram a não buscar, eles convocavam pra comparecer em tal lugar assim e assim, chegavam lá, era pra ser detido, ser preso.*

EB: *Você se lembra da prisão em 68?*

¹¹ AI-5 – Ato Institucional Nº 5

CLL: Sim, me lembro, porque ele foi e não voltou, alguém que veio avisar, entendeu? Mas eu não sei precisar quanto tempo ele ficou preso, nesse período eu já trabalhava, porque tive que parar de estudar pra trabalhar.

EB: *E ele ficou alguns meses lá?*

CLL: Ficou, ele ficou algum tempo lá.

EB: *Você se lembra das pessoas que foram presas com ele? Ele falou pra você?*

CLL: Falou, foi o Bonifácio.

EB: *O Lima Neto?*

CLL: O Lima Neto, aquela turma que foi lá pra Academia, foi a maioria. O Othon, o Wandir de Carvalho, entendeu? Quase que aquela turma toda que tava na Academia foi com ele.

EB: *Quase todo mundo, em 64, que tava na AMAN foram presos em 68?*

CLL: Foram. Agora, a tortura foi muito psicológica e ele presenciava o que eles faziam com os outros.

EB: *O que ele relatava pra você?*

CLL: Ele relatava os maus tratos.

EB: *Em 64 ou 68?*

CLL: Em 64, os maus tratos com o Lima Neto, o Wandir de Carvalho, eles tiravam o aparelho de audição dele para ele não ouvir nada, e praticavam outros atos.

EB: *E qual outra pessoa foi torturada além do Lima Neto e do Wandir de Carvalho?*

CLL: Seu Genival foi.

EB: *Mas em 68?*

CLL: 64.

EB: *Porque o seu Genival não foi preso em 64, foi em 68.*

CLL: Então foi isso, as datas confundem a gente, né?

EB: *A tortura foi com o Lima Neto e o Wandir de Carvalho. Fala dos maus tratos.*

CLL: Dos maus tratos, inclusive, na AMAN, eles estavam lá trocando de turno e uma arma disparou e passou um tiro próximo do Wandir de Carvalho, todos viram, mas ele não ouviu, porque ele tava sem o aparelho, mas ele podia ser morto com uma bala perdida.

EB: *Depois, em 68, ele foi preso e foi liberado. Como ficou a situação do seu pai?*

CLL: Olha, a situação não ficou boa, porque a CSN custou a pagar o salário dele.

EB: *Ele recebeu indenização?*

CLL: Recebeu, ih... muito tempo depois, eles começaram a pagar naquele mês, o atraso entrou na indenização.

EB: *Tempos depois...*

CLL: Tempos depois.

EB: *Outra coisa, e como é que foi a luta pela anistia? Quando chegou a anistia? Chegou só em 85?*

CLL: Só. Demorou, ele recebeu só um documento, que está lá em casa pra Siléia guardar, um documento isentando ele de tudo, dizendo que ele não é comunista, como se isso apagasse tudo o que passamos, foi uma promessa enorme do governo corrigir isso daí, levando em conta a anistia. E a gente tem conhecimento que vários anistiados e até pessoas que não tiveram envolvimento receberam anistia e estão recebendo, especialmente esse governo que está aí resolvendo a situação de todos. E os demais que estão com o processo até hoje lá? Já faleceram e a família tá aí, e a família nunca conseguiu uma casa própria, moram de aluguel até hoje. Minha família nunca conseguiu uma casa própria, meu pai faleceu e perdeu a pensão dele. Eu que estou pagando, com toda dificuldade do mundo, o aluguel da minha irmã, que eu não posso deixar ela na rua, pagando as coisas básicas que ela não pode ficar em falta, eu estou sofrendo a consequência do golpe até hoje e não sei se terei retorno. Porque o que está acontecendo comigo até hoje, no caso que a gente participou mesmo e ativamente de tudo e a Siléia, que era criança na época, está sofrendo as consequências agora.

EB: *Materiais?*

CLL: Materiais. E nós não conseguimos reerguer ainda, não consigo comprar uma casa pra ela. Como? De que maneira?

EB: *Ele recebeu a pensão pela anistia? A anistia deu uma pensão?*

CLL: Sim, era uma pensão diferenciada.

EB: *A pensão de anistiado, eles chamam de reparação. Essa pensão foi calculada corretamente?*

CLL: Ele dizia que não, que tinha que sofrer uma alteração. Mas nunca ninguém ligou de ver isso, lutaram em cima disso. Ele, com os amigos dele, sempre juntos e unidos vendo isso, recalculando, sempre unidos, conversando um com outro. Mas entraram com documentação e tudo o mais e nunca resolviam, como até hoje.

Siléia: O último papel que recebi foi indeferindo.

EB: *Essa pensão, ele recebeu até morrer. A sua mãe tava viva quando ele faleceu?*

CLL: Não, minha mãe tinha falecido antes.

EB: *Então ninguém herdou essa pensão? Porque as viúvas continuam recebendo.*

CLL: Sim, mas tem um neto, meu sobrinho, filho da Siléia, que, por orientação do meu esposo, ele tutelou o menino, porque ele que criou o menino, que o marido dela abandonou ela, ele que criou o menino. Então, em uma certa ocasião, ele colocou ele como dependente dele, na falta dele, o Thiago passou a receber. Graças a Deus, todos se deram muito bem, porque são todos inteligentes. Ele fez na federal, tá na UFF¹² ainda, terminando Engenharia de Agronegócios, era o orgulho dele. Então, o INSS¹³ dizia que quando tivesse fazendo faculdade, que pagariam, não, o INSS cortou antes.

EB: *Ele já tinha 21 anos?*

CLL: Já tinha 21 anos, cortaram e uma advogada, amiga, entrou com um recurso e julgaram improcedente. E cortou mesmo, sem chance de voltar. Mas tem um certo valor aí que o Seu José Emílio, que até vamos falar pro filho dele vir aqui, Seu José Emílio conseguiu receber, era uma pensão vitalícia. Na ocasião, era 1800 reais, quando o Seu José Emílio estava vivo. O mesmo direito o meu pai tem, só que ele faleceu e não conseguimos até hoje, tá lá o processo, esse é um valor que minha irmã receberia.

EB: *Uma indenização?*

CLL: É, uma indenização, é tipo uma pensão mensal.

Siléia: Quando cortaram a pensão que o Thiago recebia, a Cirlene era tutora dele.

EB: *Quanto que ele recebia?*

CLL: Já tava uns 3 mil e poucos reais.

¹² UFF – Universidade Federal Fluminense

¹³ INSS – Instituto Nacional do Seguro Social

EB: *Cortaram?*

Siléia: Cortaram de repente, de um dia pro outro, sem aviso prévio, assim, de imediato, uma advogada amiga nossa fez um processo passando a Cirlene como se fosse o espólio de Nestor Lima, filha dele, que era a única solteira e, na época, dependia financeiramente dele por causa de um problema de saúde que ela tinha. Ela veio a falecer, nunca mais recebeu e o processo está em andamento, ela faleceu e o processo tá lá, está lá em diligência.

EB: *Ela faleceu?*

Siléia: Faleceu, então a única pessoa que pode ser nomeada é a Cleide.

EB: *O Elói Fritz... Pedro Elói Fritz, buscou lutar por esta anistia e foi várias vezes na sua casa.*

CLL: Muito... muito... muito. Ele era um líder do grupo, meu pai tinha muita admiração por ele, reuniam sempre e lutou muito por isso. Já falou com o filho dele?

EB: *Não.*

CLL: Tem o Sérgio Fritz, você localiza ele na Escola de Odontologia.

EB: *É filho do Elói, Pedro Elói, ele tá na Escola de Odontologia?*

CLL: Sim, ele é professor de lá, se ele não estiver mais lá, eles vão te dar o direcionamento ou então na informação sobre dentistas, no catálogo você localiza ele facilmente.

EB: *E quais as outras pessoas que o Nestor Lima tinha muito relacionamento depois da prisão?*

CLL: Pedro Elói, Bonifácio...

EB: *Você tem contato com a família do Bonifácio?*

CLL: Ele não tem família, ele era solteiro, então eu acredito que as irmãs não tinham nem conhecimento.

EB: *O Zé Emílio? Você tem contato?*

CLL: Sim, com o filho dele, Zezinho, vou falar com ele. De repente, se ele não tiver condições, a irmã dele fala.

EB: *A filha? Como é que chama?*

CLL: Ah, não sei o nome da filha, mas se ela tiver condições de falar melhor, a gente fala com ele.

EB: *E qual outra pessoa que você indicaria pra vir? Do Lima Neto você tem contato com a Sheyla?*

CLL: A Sheyla... eu posso tentar localizá-la, ela tava na FEM¹⁴, a mãe já falecida, posso tentar.

EB: *Ela tá na FEM? A Sheyla?*

CLL: Não, a FEM não existe mais, então não sei que destino a Sheyla tomou.

EB: *Você sabe aonde ela mora?*

CLL: Eu vou procurar saber, porque tem a Marina, o pai da Marina também é uma pessoa que meu pai (inaudível) o Adir Gigante. A maioria desses aí... O Othon, muitos... muitos que, no momento, eu não sei.

¹⁴ FEM – Fábrica de Estruturas Metálicas

EB: *Mas você não tem contato com nenhuma pessoa que seja filha ou esposa desse grupo?*

CLL: Olha, assim de momento... você me pegando de surpresa, de repente, depois que passar, eu vou lá em casa e pegar as fotos e fazer de tudo pra localizar essas pessoas.

EB: *Não tem nenhuma agenda antiga dele?*

CLL: Esse meu tio queimou tudo, queimou tudo do meu pai.

EB: *Uma agenda dele mais atual?*

CLL: Aonde tinha um lacinho em cima, a Leinha tem que ver lá, né Leinha?

EB: *Então vamos lembrar aqui como é que foi a morte do seu pai. Você se lembra?*

CLL: Meu pai tinha um problema renal desde muito novo, até quando ele era presidente do sindicato, ele tinha esse problema renal. Aí, com o passar do tempo e da idade, foi agravando. Ele passou por uma cirurgia de catarata. Na ocasião, o cristalino era pago em dólar, fui eu que paguei, a cirurgia não deu certo e ele perdeu a visão, ele ficou cego.

EB: *Ele teve alguma sequela emocional da prisão?*

CLL: Olha, se ele teve, ele escondia com ele, ele nunca deixou passar pra gente a tristeza dele, nunca, ele nem tocava no assunto. E quem cuidou dele durante muito tempo, quando ele ficou dependente, foi ela.

EB: *Dependente em que sentido?*

CLL: Ele perdeu a visão, estava só acamado, acabado, emagreceu muito e não andava.

EB: *Ele ficou quanto tempo assim?*

CLL: Cinco anos.

EB: *Ele morreu quando?*

CLL: No dia 26 de agosto de 2002.

EB: *Ele ficou cinco anos doente. Morreu com quantos anos?*

CLL: 89, ele ia fazer 90, no dia 09 de outubro ele faria 90.

EB: *Viveu muito tempo. O meu pai morreu com 69.*

Siléia: Lúcido.

CLL: Morreu muito novo. Meu pai tinha uma cultura que você não tem ideia. E, olha, o bom é que a gente encontra com certas pessoas na rua, param pra conversar com a gente e nos reconhecem, “Você é a terceira, quarta e primeira filha de Nestor Lima. Olha, vou te dizer uma coisa: ainda não conheço uma pessoa tão honesta como ele foi, saiu do Sindicato dos Metalúrgicos pobre, pobre”. Do mesmo jeito que ele entrou, ele saiu, pobre já é um pouco de exagero, do mesmo jeito que ele entrou, ele saiu.

EB: *Ele saiu demitido, o que foi pior ainda.*

CLL: É, foi pior ainda.

EB: *Saiu e pagou um preço muito alto.*

CLL: Quando ele entrou no sindicato, entendeu? Saiu da presidência, tal como ele entrou, uma pessoa muito correta e muito honesta. Era dele, era dele, não era, não era, entendeu? E ele nos educou assim. Graças a Deus!

EB: *Então, nós vamos encerrar. Gostaria de agradecer imensamente a sua contribuição, importantíssima pela memória do seu pai. Que isso não fique só com*

você, agora você dividiu, seu testemunho vira personagem da história. Então, muito obrigado.

CLL: Essa história não pode morrer. Imagina, eu que agradeço.

[FIM DO DEPOIMENTO]